Quem era o marquez de Aracaty

Quem conhece a vida publica do marquez de Aracaty na sua triplice acção, quer como governador das antigas capitanias do Ceará, Matto Grosso e S. Paulo, quer como primeiro ministro e senador do Imperio, desempenhando papel saliente na Independencia, não extranhará, sem duvida, o singular episodio magistralmente descripto pelo professor Assis Cintra, e ora relembrado, e no qual nos dá esse escriptor u'a amostra do caracter «nobre e hieratico, digno e orgulhoso» desse excepcional titular, que teve a coragem unica, em seus dias, quando ministro, de repellir gravissima leviandade da marqueza de Santos—a famosa amante de D. Pedro I e que tanto influiu, por certo tempo, nos destinos do primeiro Imperio.

Tendo adoecido D. Leopoldina, Archi-duqueza d'Austria, não obstante os desvellos das summidades scientificas da epoca e a cuja frente se encontravam notabilidades do peso de Jeronymo Alves de Moura, Guimarães Peixoto e Vicente Navarro de Andrade (*Barão de Inhomirim*) não poude a augusta e desafortunada senhora resistir «a todas as diligencias medicas empregadas com todo o cuidado por todos os medicos da Imperial Camara», e falleceu (1). E a esse tempo D. Pedro I, o

(1) Palavras do Boletim Official do Barão de Inhomirim, distribuido ás 10 horas e um quarto do dia 11 de dezembro de 1826.

descuidado esposo, se encontrava em Porto Alegre, no Rio Grande do Sul.

Foi justamente no periodo agudo da prematura enfermidade da excelsa senhora, já sentindo ella o termino final da vida, que a imperiosa marqueza de Santos, audaciosa como era, senhoril e soberba como sempre, desejosa ainda mais do escandalo official em que era fertil, sob um pretexto futil e injustificavel qual «o de fazer as pazes com a imperatriz no seu leito de morte», entendeu de visital-a.

E' que d. Domitilla fôra indiscreptamente scientificada de u'a confissão, que a desventurada d. Leopoldina teria feito a u'a sua amiga, affirmando, na hora derradeira que se approximava, «que sempre amara d. Pedro e sempre fôra amada por elle, e que só a mocidade delle impetuosa e desenvolvida pela descuidada educação moral dada pelos seus professores e progenitores, o atirara na senda das paixões, excitado por máos amigos, e desencaminhado do lar domestico por creaturas que talvez tambem o amassem tanto como ella. Mas acrescentou, com lagrimas nos olhos, tudo isso lhe perdoava e sentia que elle alli não estivesse, naquelles instantes ultimos de sua vida tormentosa. Concluiu pedindo á amiga (mademoisselle Rohan) que dissesse á marqueza de Santos, a quem tanto d. Pedro amava, procurasse corrigir os defeitos do Imperador, dando-lhe bons conselhos». (2)

Os designios da marqueza de Santos, foram, porém, frustrados.

«Já estava ella na porta do quarto imperial, quando viu o marquez de Aracaty, primeiro ministro, que se achava junto do leito. Rapidamente se voltou para a entrada e apontando a saida á marqueza, categorico

(2) Assis Cintra—Leopoldina e Domitilla (artigo de imprensa).

e resoluto, disse-lhe: «Saia, senhora marqueza. Não consentirei que insulte os ultimos instantes da vida da Imperatriz com a sua presença indesejada. Respeite na morte aquella a quem não soube respeitar em vida».

—«Entrarei—respondeu arrogantemente d. Domitila.

—«Não entrará . . .

—«E se entrar ?

—Mandarei prendel-a, como primeiro ministro do Imperio.

—E depois ?—murmurou a afoita marqueza.

«—Depois? Antes que o sr d. Pedro regresse do Rio Grande, V. Excia. será processada e condemnada. Assim como o marquez de Pombal mandou cortar a cabeça da marqueza de Tavora, com os seus quatro seculos de fidalguia, somente porque desrespeitou el-rei D. José I, eu, primeiro ministro do Brasil, mandarei enforcar na praça publica a senhora marqueza de Santos, com os seus quatro annos de fidalguia, por offender á minha imperatriz agonisante.

Saia, senhora, eu ordeno. Agora quem manda aqui sou eu».

Não é de admirar esse ousado e atrevido gesto do marquez de Aracaty, quando vem elle dar apenas ligeira amostra, como já se disse, de seu rigido caracter, embóra, no affirmar de Alberto Rangel, essa visita da marqueza á imperatriz moribunda, tão celebrisada e tão glosada, tenha sido sempre explorada contra ella, marqueza, quando, prova-o o referido Rangel em seu livro—*D. Pedro I e a Marqueza de Santos*, o escandalo foi provocado por ministros, alguns seus bajuladores até então, que julgavam o sol no occaso. A vida desse extraordinario homem está cercada de gestos outros nobilissimos e que podem ser postos em confronto com o que se relata.

*
* *

Quem era afinal o marquez de Aracaty ? . . . Nada menos do que João Carlos Augusto d'Oeynhausen, no-

nomeado governador do Ceará por decreto de 14 de novembro de 1802 e empossado a 13 de novembro do anno seguinte, cuja passagem por esse governo se notabilisou por um acto, que por si só recommendaria a sua administração.

Foi este quem, em pessoa, effectuou a prisão do maior potentado da Ribeira do Acaracú, o grande, o invencivel, o prestigioso coronel Manoel Martins Chaves, que teve seus ultimos dias nos carceres do Limoeiro, em Lisbôa. Foi este «um dos factos mais notaveis da sua administração».

Martins Chaves, dizem os seus biographos, «era homem de enorme e indisputada influencia, que lhe advinha dos cargos de que estava investido, e, da riqueza que possuia, tinha a propria importancia augmentada pela dos Feitosas, familia extensa e poderosa, com que estava entrelaçado e que o reconhecia por chefe.

«Collocado em tal situação de poderio fizera de sua prepotente vontade a lei daquelles sertões e para exercel-a não trepidava em commetter quaesquer actos por violentos, arbitrarios e reprovaveis que fossem. Sob seu patrocinio grandes agrupamentos de malfeitores viviam a depredar e a perseguir a população, promptos ao serviço, submissos ás determinações do despotico patrono.

«Os actos de infracção de lei e os ataques á vida e á propriedade, accentuando-se naquellas longinquas paragens, chamaram sobre tal turba desorientada e má a attenção das autoridades da Metropole e impuzeram ao poder publico a obrigação de cohibil-as e castigal-as, sendo nesse sentido transmitidos para os administradores e juizes da colonia Avizos, Consultas e Ordens Regias. A morte em 1795 do juiz ordinario de Villa Nova d'El-Rei, hoje Campo Grande, Antonio Barboza Ribeiro, decidiu o governo a tomar medidas rigorosas.

Como se deu esse memoravel acontecimento são divergentes as opiniões. Ha na historia duas versões que não são verdadeiras, affirmando o sr. Barão de Studart que uma e outra são um tecido de inexactidões : a pri-

meira que nos deixou Henry Koster (3) e a segunda Roberto Southey. (4)

Esclareceddo, porém, a verdade, escudado em provas seguras, concludentes, documentado, o mesmo sr. Barão de Studart assim nos conta o succedido. (5)

«As ordens expedidas para prender Martins Chaves e seus principaes collaboradores na obra de perturbação e violencias, de que era theatro a Capitania, vinham de longa data, do tempo de D. Thomaz José de Mello, de quem conheço a correspondencia a respeito endereçada em Dezembro de 1796 a D. Fernando Antonio de Noronha, governador do Maranhão; ha Cartas Regias e Avizos da Secretaria de Estado em data de Junho de 1800 a D. Diogo de Souza e deste a José Coelho de Vasconcellos em Novembro do mesmo anno, autorisando o emprego de todos os meios para se levar a cabo essa importante diligencia; mas o que jamais conseguiram governadores, ouvidores, capitães-móres e juizes ordinarios obteve-o a sagacidade de João Carlos sem resistencia alguma, sem effusão de sangue.

«Deliberado a fazer a prisão, João Carlos annunciou uma revista geral dos regimentos da Capitania. Feita a revista das tropas de Villa-Nova de El-Rei, Martins Chaves com alguns membros mais importantes da sua clientela quiz ser agradavel ao governador e para render-lhe fineza e homenagem decidiu-se a acompanhal-o até certa altura do trajecto. No sitio Barriga o proprietario, um padre, insinuou-lhe que se escondessem, por ter razões para desconfiar dos intuitos do governador.

«Bernardino Franco acceitou o conselho e desappareceu, mas Martins Chaves e o sobrinho Francisco Xavier desprezaram o aviso e seguiram com a comitiva

---

(3) Viagens Scientificas e Historicas do Brasil nas Provincias de Pernambuco, Ceará, Parahyba e Maranhão, cap. 7.º

(4) Historia do Brasil, tomo 6.º

(5) João Carlos Augusto de Oeynhausen e Manoel Martins Chaves in Rev. do Inst. do Ceará, tomo 33, anno 1919.

até Ibiapina, onde tudo dispuzera João Carlos para a execução do plano traçado. Como garantia do exito da medida a tomar seguira para lá com 400 indios frecheiros Manoel da Silva Sampaio, director dos indios de Viçosa.

«Ali chegados, encontraram um barracão construido por Silva Sampaio, onde o governador teria de descançar, e em cujo centro estava u'a mesa. Entrados no barracão, *no meio da mais sincéra amizade e communicação domestica*, diz o proprio Martins Chaves, João Carlos retira de dentro de u'a das malas uma corôa real, a depôe sobre a mesa, e dirigindo-se a Martins Chaves perguntou si conhecia de quem era aquella corôa. Respondeu o interpellado que era de Sua Magestade, sua Soberana. Retorquiu-lhe João Carlos. Pois em nome della se considere preso. Martins Chaves tirou a espada da cinta, beijou-lhe os copos e fez della entrega constituindo-se assim prisioneiro. Francisco Xavier, vendo aquella scena, convidou João Carlos para um particular e João Carlos respondeu-lhe: não tenho particular, siga o exemplo de seu tio, e elle assim o fez.

«As cousas se passaram como ahi fica relatado; isso, sim, é que se coaduna com o espirito cavalheiresco de João Carlos, incapaz do acto, que lhe emprestam Koster e Southey, chegando a imaginação desses dois autores a descrever o facto como tendo tido logar na propria casa de Martins Chaves, onde se hospedara João Carlos, o que ainda mais aggravaria o aleivoso do acto».

Esta é que é a verdade e que vem attestar o valor do grande titular, cuja figura preponderou na Independencia, alliando ás suas qualidades de estadista experimentado ess'outra que lhe deixou justo renome na velha capitania.

Senhor das occasiões, sabia dominal-as com u'a presença de espirito pasmosa, salientando-se em sua vida o rapido e incisivo dialogo travado com d. Pedro I, ao defrontal-o, quando, de volta do Rio Grande do Sul o Imperador ficou ao corrente do succedido com a marqueza de Santos scena em que se constituiu principal

protagonista o marquez de Aracaty, não consentindo que o leito de dôr da imperatriz Leopoldina fosse profanado com a presença da amante imperial, que pretendeu insolentemente visital-a.

Conta Gonçalves Ledo em suas Memorias (apud Assis Cintra op. cit.) que o marquez de Aracaty «interpellado pelo Imperador se de facto teria elle a coragem de enforcar a marqueza, caso ella entrasse no quarto, contra a vontade da imperatriz, elle respondeu affirmativamente:

—«Se entrasse? Seria enforcada por crime de lesa-majestade».

«D. Pedro, com aquelle bom humor, que jamais o deixava, retrucou immediatamente:

«—E eu, no meu regresso, vos enforcaria por crime de *lesa-belleza*!

«E accrescentou:

«—Agora, meu amigo, para que jamais appareçam motivos de perigo para seu pescoço, eu o dispenso do ministerio. A um ministro enforcado eu prefiro um ministro esquecido. Saia da minha presença».

O Imperador, dominado pela marqueza, tivera para o grande e fiel auxiliar de seu governo identicas palavras que o mesmo tivera para a leviana amante, com a differença de que o ministro dava provas de um caracter firme, de u'a moral sem limites procurando nobremente evitar o denunciado sarcasmo e vil insulto da perfida amante, que queria á fina força manchar a reputação de u'a legitima esposa, offendida em seus brios em sua amargurada vida conjugal, ao passo que o outro—o augusto senhor, preferia esse escandalo ás contrariedades por ventura soffridas pela amante, de quem jamais se apartaria, segundo os seus constantes e vivos protestos, maximé naquelle dubio momento de sua reconhecida libertinagem em que perdendo os carinhos e solicitudes da extremecida esposa, não comprehendidos e muito menos correspondidos por elle, receberia, sem duvida, os affagos e as ternuras da «primeira dama da Imperatriz» —a quem, já uma vez, «no auge do contentamento»

por lhe ter nascido um fructo viavel dos amores imperiaes, attendendo aos seus distinctos meritos, houve por bem nomear Viscondessa de Santos, com as honras de princeza».

E João Carlos Augusto Oeynhausen, sobranceiro como sempre, certo de haver cumprido o seu dever, recolheu-se á sua vida de trabalho aguardando o juizo sincéro e imparcial da historia.

E só um typo de envergadura tal que tivera a coragem annos atraz de acarretar com as consequencias que poderiam resultar da prisão do maior potentado da capitania do Ceará, feito alevantado que lhe valeu agradecimentos da Camara da Villa D'El-Rei, elogiosas Provisões do Conselho Ultramarino e, o que é melhor, a sympathia e a gratidão dos povos da Capitania, poderia naquelles tempos enfrentar a marqueza de Santos, cuja fama chegou até a atravessar os mares.

Quixadá—Ceará.

EUSEBIO DE SOUZA.